

JORNAL O COLA

DE LETRAS PARA LETRAS



ACESSIBILIDADE NA FACULDADE DE LETRAS P.10

Agenda ACADEMICA



A Universidade de Lisboa estará presente na FUTURÁLIA 2025, de 26 a 29 de março, na FIL, Centro de Exposições e Congressos de Lisboa!

Sabes o que encontras lá?

Não, não podes falar russo comigo p.28

“Conheço pessoas que tentam argumentar que ‘nem todos os russos são maus’ ou que devemos separar as pessoas do seu governo. Mas já vi demais. Ouvi demais. As histórias de crianças mortas por bombas russas, de mulheres e crianças violadas por soldados russos, de cidades inteiras reduzidas a escombros. Como posso separar as pessoas do governo quando tantos deles apoiam fanaticamente esta guerra?”

Insónia p.26

“Nos seus íntimos, fervilham paixões secretas, mexem-se e remexem-se num desassossego, desejosas de serem expelidas para fora e ouvidas pelo mundo. A noite atrai-as num sussurro enigmático, contido, mas capaz de afogar qualquer um na penumbra do espírito.”



O COLA DÁ-TE
PALCO
A TUA HORA DE BRILHAR!

TOP 5 LUGARES DE FADO em Alfama

CLAF

Clube Lisboa Amigos do Fado

Situado em Chelas, este local é simultaneamente uma Casa e uma Escola de Fado, onde podes aprender a cantar Fado tal como muitos fizeram anteriormente. Aberto às segundas e aos domingos, este é o sítio ideal para desfrutar de refeições e petiscos tradicionais portugueses enquanto ouves belíssimas músicas interpretadas por fadistas profissionais, que no passado incluíram lendas como Amália Rodrigues e Alfredo Marceneiro, entre muitas outras.



1

FAIA

Esta Casa de Fado no Bairro Alto é definitivamente um dos melhores locais de Fado em Lisboa. Não só podes ouvir esta forma tradicional de música portuguesa, como também podes desfrutar de uma deliciosa refeição criada pelo Chef André Pola, visto que este local também funciona como restaurante, juntamente com uma carta de vinhos com seleções de todas as regiões vinícolas do país.



2

PARREIRINHA DE ALFAMA

Inaugurada há mais de 60 anos, esta Casa de Fado é a mais antiga – e uma das melhores – de Alfama. Funciona também como restaurante, onde te podes deliciar com pratos típicos portugueses – incluindo opções vegetarianas. Este local histórico é onde Argentina Santos cantava (e até trabalhava como cozinheira) junto de outros fadistas, tais como Maria Amélia Proença e Maria de Fátima.

4

REAL FADO

A “Real Fado” oferece uma das melhores e mais íntimas experiências musicais de Lisboa. Situada no Príncipe Real alterna entre três locais diferentes dependendo do dia da semana: no Pavilhão Chinês às quintas-feiras, depois no Reservatório da Patriarcal às sextas e aos sábados e finalmente na Embaixada aos domingos. Não há dúvida de que vais passar uma ótima noite aqui!

3

SENHORA DO FADO

Situada perto do Chiado, a “Senhora do Fado” é um ótimo local para passar uma noite acolhedora entre as muitas magníficas melodias que o Fado oferece, juntamente com uma variedade de pratos tradicionais portugueses.

5



To My Future Child

Autoria: Rita Coelho
Edição: Ana Espadinha
Não traduzido a pedido da autora
Ilustração: Nobre Bastos

What is the reason I think of you?

You that do not exist,

You that are only what I imagine you'll be,

You that'll once be one with me, and you that'll be despite me.

I think of you,

Of all the ways I'll make you *you*

I think of how I'll make you a kind world,

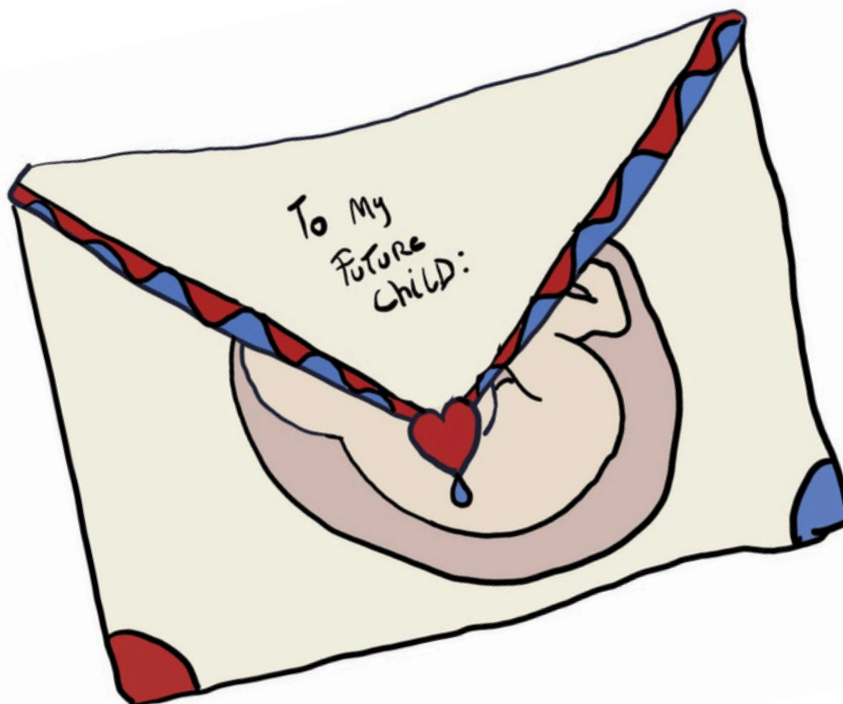
How I'll hum you lullabies and take you to see where the ocean lives,
where it lies.

Mostly, I'll write to you, hoping you'll read me word by word.

Mostly, I'll give you kisses, give you them one by one.

I'll be yours.

I *am* yours.



Morte

Autoria: Beatriz Brito
Edição: Catarina Casal
Ilustração: Nobre Bastos

Olho em seus olhos, molhados e inexpressivos, vejo em seu corpo a imagem do meu e por isso peço para parar o carro. Mas o carro continua e os meus olhos não se desviam da visão da pobre criatura à beira da estrada. O que procuraria? Para onde iria? Tem medo? Quereria o calor de um abraço? Não tenho noção do tamanho da crueldade que existe neste mundo, mas tenho a certeza de que ela sabe. Ela tem menos esperança no mundo a cada carro que passa e continua. A noção de que lhe falhámos e que lhe falhamos continuamente até falharmos pela última vez. O segundo no qual os seus olhos se fecharão para sempre, e ela ficará sozinha porque ninguém parou o carro.

Eu choro. Choro por ela e por todos naquela estrada, sozinhos e abandonados. Insignificantes em todo o seu ser por serem pequenos e frágeis e menos dignos. No entanto, a questão permanece – serão eles os menos dignos? Neste momento não me sinto digna, mas sim como um Deus falhado, uma autoridade derrotada. Deus não erra, pois o erro é algo específico a nós mortais, mas se Deus nos criou e nós moralmente formos menores, não ficará Ele com o peso nas costas do que criou? Não terá culpa e arrependimento do que poderia ter feito?

Eu não sou Deus, nem superior; portanto, quando chego a casa, arrependo-me. Volto a ligar o carro e refaço a viagem, desta vez sozinha. Imagino-me a mim na beira da estrada a pedir por ajuda e a continuar a ver os carros a passar. Quando chego lá, os carros ainda passam, mas, desta vez, eu parei. Agachei-me e encontrei uma criatura magoada, pouco viva e muito fria e algo me disse que mesmo que a levasse não haveria maneira de a salvar do destino inevitável em que se havia metido. Então sentei-me, tirei o meu casaco e peguei na criatura. Enrolei-a nos meus braços como um recém nascido, embalando-a suavemente enquanto fazia festas na sua pequena cabecinha, que se enroscava no meu corpo.

Na estrada, vi os carros passar como ela tinha feito momentos antes, mas desta vez os seus olhos focavam-se em mim, brilhantes e calmos. Quem sabe o que ela pensaria? Amei-a por mais algum tempo, até que a criatura fechou os olhos e já não os abriu mais. O seu coração ainda batia, eu sentia-o, devagar e leve. Juntei o seu peito ao meu e chorei por ela.

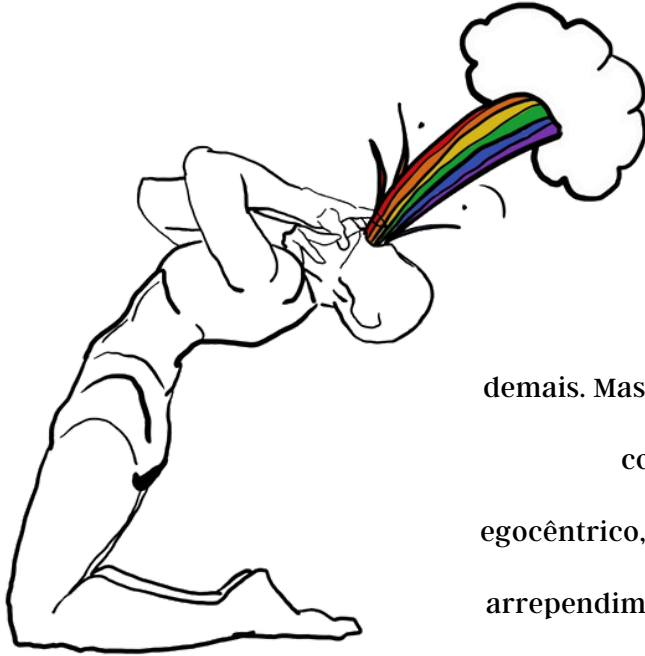
Eu não sabia da crueldade do mundo até ao dia em que Deus me entregou o Seu lugar, e eu, na beira da estrada, a chorar e a embalar um filhote de veado morto, vi os carros passar continuamente num *loop* infinito. A cada carro que passava, eu tinha a certeza de que Deus chorava cada vez mais pela humanidade que ele criou.

Eu e a criatura víamos e chorávamos com Ele também.



Emoções em Explosão

Autoria: Ricardo Vaz
Edição: Nuno Brandão
Ilustração: Nobre Bastos



Algumas vezes, parece que vou explodir. As emoções, muitas vezes sem noção, causam em mim reações. Medo de abandono, cansaço mental. Ok, eu penso demais. Mas será? Se no fim sinto ciúmes e tristeza para comigo mesmo e odeio o meu jeito. Eu sou um egocêntrico, às vezes quero tudo e outras nada. Vivo em arrependimento e confusão e só sexo e tabaco é que me preenchem, temporariamente, até chegar a culpa!

Culpa essa que insiste em ficar, em encher-me de paranóias de que alguém me vai fazer algum mal e acabar com o meu emocional e, assim, vou afastando as pessoas. Eu não sei como parar de pensar, mas isto atormenta-me, durmo mal e assim é mais um dia normal.

Liberte o Poder da Saúde Mental

Esta conferência, dia 18 de maio, na Aula Magna da Universidade de Lisboa, visa promover a relevância da saúde mental no nosso quotidiano. Será apresentada pela Dra. Ana Beatriz Barbosa, médica psiquiatra brasileira, que utiliza exemplos do dia-a-dia para ajudar a que nos coloquemos nas situações abordadas de forma esclarecedora e dinâmica.



Arte Que Te Tortura

Autoria: Gabriel Yukio Goto

Edição: Mariana Lameiro

Ilustração: Nobre Bastos

Quero revitalizar meu coração,
para que ele possa ser habitável.
Construir vias rápidas que possam
diminuir a distância entre você e eu.

Que meus braços-galhos se transformem
numa Charneca em Flor,
onde você possa descansar tranquila,
e meus olhos-abismo, que te devoram,
possam ser as janelas que alcançam a vista
da sua inalcançável beleza.

Se me aturar, seja minha 'arqui-amante',
o maior dos meus sonhos, te coloco sob o meu teto
uma vida digna no futuro próximo.
Faça de mim a sua morada!

Serei casa, serei seu par, me derrube e me levante,
me tombe como patrimônio histórico da sua vida.



Passos

Autoria: Mar
Edição: Lourenço Ramos

Madrugadas diferentes, de calorosas e ansiosas para embaciadas. Uma letra que faz toda a diferença em mim.

Partires o teu próprio coração é do mais cruel que me podias fazer.

Estás a colocar mudanças sem embraiagem; eu estou com pé a fundo na embraiagem e no acelerador, como um sufoco que tenho do solavanco deste impasse.

Detesto como vagueias sem controlo na minha mente, e pior, no meu coração! Por todo o meu sangue bombeia o vislumbre nosso.

Desisti e detesto-o. Sentir sou eu, e perder-te é diminuir o meu sentir.

Ficar contigo? Iguamente desastroso.

Meias medidas para uma tempestade.

Além de mim, uma força ou fraqueza superior mantém-me a amar alguém que frio tem no verão e calor no inverno.

«Agradável à Vista Agradável ao Coração»

Estudante de LLC na Faculdade de Letras de Lisboa, Mónica nasceu na capital e vive em Vila Franca de Xira. Foi na adolescência que descobriu o amor pela escrita e começou a passar as suas ideias para o papel. O seu recente romance «Agradável à Vista, Agradável ao Coração», publicado a 6 de novembro de 2024, é protagonizado por April, uma jovem escritora que se depara com um bloqueio criativo. Ethan, o seu novo vizinho, propõe-se a ajudá-la, e o que começa como um simples relacionamento carnal sem compromisso vai-se transformando pouco a pouco. Com temas de morte, luto, superação, auto-descobertas e amor, a narrativa conduz o leitor para uma montanha russa de emoções, com não só altos e baixos, como também muitas gargalhadas.



O COLA DÁ-TE
PALCO
A TUA HORA DE BRILHAR!

Panquecas

Autoria: Maria Afonso
Edição: Maria Rodrigues
Ilustração: Nobre Bastos

A monotonia do dia-a-dia cansa-me. A repetitiva rotina gera em mim um desdém por dias aborrecidos. Dias sem peripécias não são descansos, não me trazem plenitude, apenas tédio. Impressiona-me a força de vontade necessária para viver todos os dias como meras reflexões dos dias anteriores. Tarefas banais pesam-me a alma, provocam em mim o mais profundo sentimento de desinteresse. Não alimentam a criatividade, a paixão pelo novo e desafiante — apenas relembram a inevitabilidade da condição humana de preencher os seus dias com obrigações desnecessárias e lembretes desprezíveis. Cada roupa lavada, passada, dobrada representa um livro por ler, uma história por descobrir, um mundo por adorar e tornar próprio. Cada panela enxugada, polida, secada é a perda de um raio de sol quente num dia de verão, de uma brisa calma de primavera, de uma chuva por ser sentida. Os dias que estão por vir já eu sei o que me trazem, não anseio pelo despertar de amanhã. Acordar em lençóis frios, comer e ter de lavar a loiça, vestir-me e ter que dobrar a roupa, usar para ter de substituir, arranjar para ter de desconstruir. A mera continuidade da vida tem atrelado um peso de horas perdidas em compromissos que não pedi. A banalidade com que existimos, o desinteresse de procurar algo mais, algo com sentido... como é que vivemos na preguiça, no nada e não nos apercebemos? E não gritamos por mais?

Contudo, contigo tudo muda.

A monotonia do dia-a-dia conforta-me. A simplicidade da rotina de sempre gera em mim um gosto por dias banais. O conforto de acordar ao lado de um coração quente leva às manhãs demoradas. Açúcar, risos e o cheiro de pancakes, a loiça lava-se sozinha. O mundo lá fora desvanece e não anseio por descobrir, mas por ficar. Não desejo impossibilidades nem loucuras, apenas que tudo se mantenha. Apenas que o sol nasça amanhã e com ele traga as tarefas de um dia normal, de um dia feliz. Que acorde uma vez mais quente de amor e monotonia e que possa desarrumar toda a cozinha pelo simples sabor de pancakes. Que a melodia da sua voz continue a preencher o que antes era tão vazio. Abraços, música, o cheiro de roupa lavada, beijos, sardas, o brilho dos tachos. Olhos verdes, a possibilidade de os ver amanhã, mais um dia.

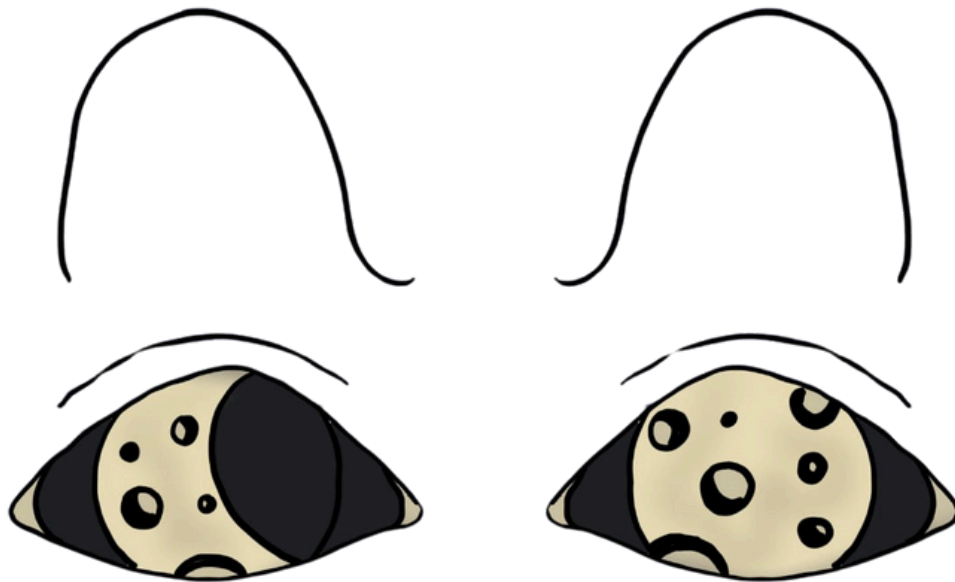
Espero que nada mude. Espero que os meus dias sejam cheios de rotina e dos seus olhos verdes.



Vi-o

Autoria: Diana Colaço
Edição: Nuno Brandão
Ilustração: Nobre Bastos

Conheci-o numa noite escura. A lua era uma bola de cristal e o vento fazia dançar as folhas das árvores. Foi aí que senti uma súbita diferença. Tudo parecia ter parado, até o sopro do vento que me acariciava os cabelos. Tudo parecia ter parado, como se, por medo, tudo se escondesse. Foi aí que vi os seus olhos brancos, espreitando de uma esquina, lívidos, mas, de alguma forma, cheios de cor. Vi-o.



CINEMA E HUMANIDADE

II Mostra de Cinema da FLUL

Este festival-competição de cinema, organizado pelo CEAUL, o American Corner e a FLUL, vai apresentar obras criadas pelos alunos da Faculdade de Letras com o objetivo de incentivar a criação cinematográfica dos estudantes, desafiando-os a usar a criatividade, para produzirem algo refletivo desta arte na sociedade. Serão exibidos 12 filmes, sendo o vencedor premiado com o prêmio de Melhor Filme.

As suas projecções teram lugar dia **4 de Abril**, pelas 16h30, no Goethe-Institut.

ACESSIBILIDADE NA FACULDADE DE LETRAS



A Acessibilidade é ainda um tema pouco discutido e conhecido no meio académico e, nomeadamente, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Por isso, o Jornal O Cola decidiu abordá-lo e explorá-lo com o auxílio de testemunhos que, no decorrer da sua vida académica, se deparam com adversidades e entraves significativos ao seu bem-estar individual e académico. O Cola, enquanto Jornal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, crê-se no dever de ser uma plataforma veiculadora de informação importante e necessária à comunidade académica; que dá voz e visibilidade a todos aqueles cuja condição, seja ela qual for, e respetiva discussão têm sido frequentemente negligenciadas, subalternizadas e «atiradas para debaixo do tapete». Será seguidamente apresentado e desenvolvido o conceito de acessibilidade, uma vez que nem sempre é devidamente explicitado pelas instituições, sendo commumente mal compreendido.

Redigido por:

Rita Coelho (mestranda em Linguística na FLUL e representante do grupo de Redação do Jornal O Cola da FLUL);

Beatriz Brito (estudante de Licenciatura em Artes e Humanidades na FLUL e membro do grupo de Redação do Jornal O Cola da FLUL);

Maria Afonso (estudante de Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas e membro do grupo de Redação do Jornal O Cola da FLUL).

O QUE É A ACESSIBILIDADE?

«(...) a possibilidade de qualquer pessoa, independentemente das suas características e contexto, poder aceder a espaços, produtos e serviços disponíveis à restante população.»

Segundo o Conceito Europeu de Acessibilidade (Aragall, 2005, p. 23): «acessibilidade é a característica de um meio físico ou de um objeto que permite a interação de todas as pessoas com esse meio físico ou objeto e a utilização destes de uma forma equilibrada/amigável, respeitadora e segura. Isto significa igualdade de oportunidades para todos os utilizadores ou utentes, quaisquer que sejam as suas capacidades, antecedentes culturais ou lugar de residência no âmbito do exercício de todas as atividades que integram o seu desenvolvimento social ou individual.

A Acessibilidade está ligada ao conceito de Desenho Universal. Baseia-se em políticas de defesa dos direitos das pessoas com deficiência e traduz-se em regulamentos, linhas de orientação e ações de sensibilização da sociedade. O conceito de Acessibilidade deve ser considerado desde a fase de projeto de um produto (por exemplo, um projeto de arquitetura deve prever a utilização de cadeiras de rodas na definição da largura das portas), mas pode também intervir nos trabalhos de adaptação dos espaços ou serviços existentes (...).»

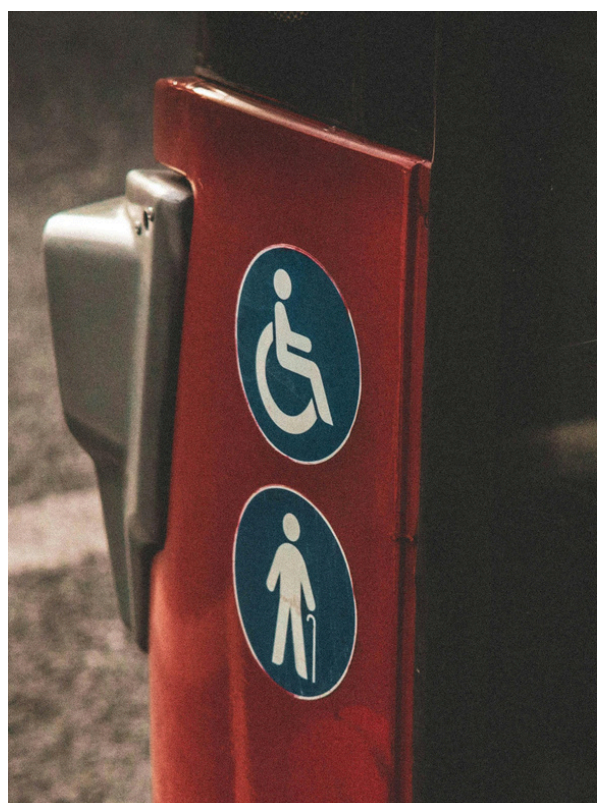
Fonte: 2. Enquadramento e definições

De acordo com o Instituto Nacional para a Reabilitação, «a garantia de acessibilidade constitui uma condição fundamental para a qualidade de vida das pessoas, sendo imprescindível para o pleno exercício dos direitos e dos deveres que são conferidos a qualquer membro de uma sociedade democrática no exercício da sua cidadania.

Trata-se, assim, de um direito universal que contribui decisivamente para um maior reforço do tecido social, para uma maior participação cívica de todos aqueles que o integram e, conseqüentemente, para um crescente aprofundamento da inclusão social e solidariedade no estado social de direito.»

Fonte: Acessibilidades - INR, I.P.

Tendo em consideração o(s) conceito(s) já apresentado(s) acima, exploram-se agora as condições de acessibilidade dentro das instalações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e apresentam-se os serviços que a instituição disponibiliza aos seus alunos atualmente.





A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa oferece apoio a estudantes com NEE (Necessidades Educativas Específicas), prestado pelo Núcleo de Orientação de Carreira e Apoio ao Estudante (NOCAE). Este apoio é atualmente enquadrado pelo Regulamento do Estudante com Necessidades Educativas Especiais da Universidade de Lisboa (de 2016), disponível no *website* da faculdade, contendo informações sobre os apoios existentes e disponíveis e outras informações igualmente úteis.

SOBRE AS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE NO SEIO DA FACULDADE DE LETRAS

De acordo com a informação disponibilizada pelo NOCAE na página da faculdade, alguns dos apoios disponíveis são: a condição de “prioridade na inscrição, matrícula e escolha de turma; a disponibilização de materiais de estudo e formas de avaliação adaptados; o acesso físico ao *campus* com o menor número possível de barreiras arquitectónicas; o acesso gratuito à Biblioteca Aberta do Ensino Superior (BAES) que reúne um acervo de mais de 3000 títulos em Braille, áudio e texto integral”; entre outros, aplicados consoante a NEE do estudante. Aos estudantes com NEE são também disponibilizados um sistema de atribuição de bolsas de estudo específicas, guias gerais e particulares de apoio e uma unidade de produção de materiais acessíveis (cujo acesso se pode obter *online* na página da Faculdade de Letras.

Embora existam serviços de apoio como os já referidos, os mesmos não se mostram suficientes na colmatação dos problemas vividos pelos que procuram, dentro da normalidade de uma pessoa não portadora de deficiência, um espaço onde possam viver em conforto, segurança e realização ao nível pessoal, académico e/ou profissional. O Jornal O Cola conversou com alguns estudantes portadores de deficiência que relataram circunstâncias adversas dentro do próprio estabelecimento de ensino.

Fonte: Estatutos Especiais - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Por exemplo, no que diz respeito a um possível sentimento de invalidação operada por algum funcionário ou estudante da faculdade:

«Acabamos sempre por receber algum tipo de olhar. Seja aqui, seja fora da faculdade. Não é comum, a meu ver, pessoas com mobilidade reduzida frequentarem o ensino superior. Portanto, é natural que algumas vezes as pessoas olhem de maneira diferente, mas nada de mais.»

José Miguel, 22 anos, estudante de primeiro ciclo em História na FLUL

«Não, até agora não. Toda a gente é super simpática.»

Beatriz Clemente, 18 anos, estudante de primeiro ciclo em História da Arte na FLUL

«Não. Felizmente, não. Essa fase creio que já passou.»

Ana Filipa Ribeiro, 29 anos, estudante de primeiro ciclo em Línguas Literaturas e Culturas

Em matéria de cooperação por parte da faculdade em relação à acessibilidade, os mesmos testemunhos e estudantes na FLUL falam-nos de algumas adversidades pelas quais já passaram e que ainda passam. No seu dia-a-dia, encontram obstáculos à própria mobilidade dentro dos corredores da faculdade, sendo particularmente difícil o acesso às salas de aula, biblioteca, casas de banho, elevadores, balcões de atendimento, entre alguns outros.

«Quando cá cheguei, a faculdade estava com os elevadores avariados. Durante esse tempo foi um bocadinho difícil porque tinha de dar a volta à faculdade, ou seja, tinha de sair [do edifício] da faculdade e dar-lhe a volta para chegar à cave [piso 0], tendo de ir acompanhado pelos seguranças. Havia sempre aquela questão de ter de andar sempre com os seguranças. Agora, felizmente já está tudo a funcionar.»

«Ao nível das casas de banho, algumas [estão sinalizadas como sendo para pessoas com] mobilidade reduzida, mas o que é certo é que não estão devidamente adaptadas [para tal]. Algumas barras não estão muito estáveis, uma é sempre mais comprida do que a outra e isso,

para uma pessoa que não tenha equilíbrio, que é o meu caso, torna-se um bocadinho perigoso. Também não têm portas de correr. Para uma pessoa com mobilidade reduzida [e que tem] uma paralisia cerebral como eu, é também difícil fechar a porta; tenho de estar sempre a pedir ajuda às pessoas para a fechar. As sanitas também não são muito acessíveis.»

José Miguel, 22 anos, estudante de primeiro ciclo em História na FLUL

«Por enquanto, não há grandes coisas a apontar, mas acho que há coisas [a] melhorar. Por exemplo, o elevador dos anfiteatros, quando eu estou lá em cima e o elevador está lá em baixo, não consigo puxar o elevador. Então, tenbo que estar sempre a chamar o segurança e demoram sempre anos e anos a vir; fica complicado e é um pouco frustrante. Tal como aquela plataforma da escadaria principal [na entrada da faculdade], também tenbo que estar sempre a chamar alguém e acho que isso não é de todo algo que seja autónomo.»

Beatriz Clemente, 18 anos, estudante de primeiro ciclo em História da Arte na FLUL

«Para uma pessoa com 139cm, há algumas dificuldades que não só a Faculdade, mas também o meu dia-a-dia apresentam. No que diz respeito à Faculdade, principalmente para mim, os balcões de atendimento nos cafés da Faculdade são muito altos; ou então as máquinas para fazer os pagamentos. Até mesmo a caixa Multibanco que está à entrada da Faculdade, que para mim é um bocadinho alta [e] tenbo de me pôr nos biquinhos dos pés para conseguir ver o ecrã. Outra questão é também [a d]a biblioteca, no que diz respeito ao acesso aos livros que estão mais altos. A biblioteca tem um banquinho, mas não é suficiente para pessoas abaixo de 150cm. Portanto, São algumas das dificuldades que eu encontro no meu dia-a-dia na Faculdade.»

Ana Filipa Ribeiro, 29 anos, estudante de primeiro ciclo em Línguas Literaturas e Culturas

Os estudantes descreveram ainda algumas das barreiras arquitetônicas que encontram todos os dias enquanto estudantes na FLUL. É fundamental explicitar o conceito de "barreiras arquitetônicas", sendo este importante para a melhor compreensão do assunto abordado.



O QUE SÃO BARREIRAS ARQUITETÔNICAS?

«Entende-se por barreiras arquitetônicas todo o tipo de elementos de construção ou edificação que limitam, ou até impedem na totalidade, a mobilidade dos indivíduos com deficiência ou com mobilidade condicionada nos espaços, constringendo, assim, a acessibilidade e a autonomia (Santos et al., 2020). Essas barreiras podem incluir degraus, escadas, portas estreitas, corredores estreitos, ausência de rampas de acesso, elevadores inadequados, casas de banho inacessíveis, entre outros (Pettersson et al., 2018; Siqueira et al., 2009).»

Fonte: BARREIRAS ARQUITETÔNICAS E AUTOCUIDADO

Estes obstáculos em edifícios públicos, como instituições de ensino, fazem com que o acesso ao espaço e à educação seja desigual, o que atrapalha o percurso social e educativo de pessoas com mobilidade reduzida. Essa falta de acessibilidade enraizada pode criar uma exclusão ao espírito e à experiência acadêmica.

Quando a falta de pensamento crítico da sociedade em relação à melhoria da acessibilidade limita um direito dos cidadãos, o de entrar em certos espaços públicos, seja qual for a sua condição física individual, alimenta-se uma realidade na qual as pessoas com mobilidade reduzida (e não só) são impedidas de ter uma vida autónoma. A necessidade da assistência de outra pessoa, como por exemplo um segurança, devido à falta de acessibilidade dos espaços físicos, compromete a relação entre o indivíduo e a sua autonomia.

São essas barreiras arquitetônicas que fazem com que a atividade no local não seja possível, pois o indivíduo ou é impedido ou tem dificuldades em entrar, não porque a atividade o exclui, mas sim porque o local não tem condições para o permitir e isso é algo que não devia ser aceitável: «(...) A promoção da acessibilidade constitui um elemento fundamental na qualidade de vida das pessoas, sendo um meio imprescindível para o exercício dos direitos que são conferidos a qualquer membro de uma sociedade democrática, contribuindo decisivamente para um maior reforço dos laços sociais, para uma maior participação cívica de todos aqueles que a integram (...).

São, assim, devidas ao Estado acções cuja finalidade seja garantir e assegurar os direitos das pessoas com necessidades especiais, ou seja, pessoas que se confrontam com barreiras ambientais, impeditivas de uma participação cívica activa e integral, resultantes de factores permanentes ou temporários, de deficiências de ordem intelectual, emocional, sensorial, física ou comunicacional.»

Fonte: Decreto-Lei n.º 163/2006 | DR

Depois de explicitado este conceito, introduzem-se agora as respostas dos testemunhos à questão de se poder ouvir mais as pessoas portadoras de deficiência face à sua experiência no ensino superior.

«O que acontece aqui, na minha opinião, é que, como não há muita gente com mobilidade reduzida a frequentar o ensino superior, as questões da sensibilização e da atenção para com o assunto acabam por ser postas de lado. Fala-se muito mais [noutras questões, como] a igualdade de género, mas o assunto da mobilidade reduzida no ensino superior é uma coisa que ainda está muito à superfície e acho que as pessoas deviam estar mais consciencializadas para aquilo que as pessoas com mobilidade reduzida sentem e para as suas necessidades, como estão para a igualdade de género, [por exemplo].

Quer queiramos, quer não, tentamos ter uma vida o mais normal possível, que acaba por não ser 100% normal, tendo de haver sempre uma adaptação quer dentro das aulas, quer fora, para que nós nos sintamos bem.»

José Miguel, 22 anos, estudante de primeiro ciclo em História na FLUL

«Sim, acho que sim. Eu às vezes entrava, quando não haviam as obras na cave [piso 0 da faculdade], por trás [numa entrada secundária da faculdade], porque tinha muitas aulas lá. Então, acho que ter mais atenção ao tempo que [se] demora a ir buscar a chave do elevador da escadaria principal é mesmo dos aspetos que devia ser mais ouvido e resolvido.»

Beatriz Clemente, 18 anos, estudante de primeiro ciclo em História da Arte na FLUL

«A mim, nunca me perguntaram nada, nem nunca me perguntaram se tinha algum tipo de inacessibilidade na faculdade. Mas, por exemplo, para os alunos que estão em cadeiras de rodas, que ainda têm mais dificuldade no acesso às coisas do que eu, não sei se a faculdade ouve realmente essas pessoas. Da minha parte, nunca me foi perguntado se eu tinha alguma dificuldade ou os desafios que eu enfrentava no dia-a-dia. Nunca fui ouvida, nunca me perguntaram o tipo de dificuldades que poderia ter derivado da situação da minha altura. Relativamente a outros alunos, que têm mais dificuldades do que eu, creio que chamam mais à atenção e creio que a faculdade deverá ter algum tipo de atenção para com eles. Pessoas com estatura baixa — creio que estamos um bocadinho à margem — não nos perguntam porque devem presumir que, por norma, nos conseguimos desenrascar.»

Ana Filipa Ribeiro, 29 anos, estudante de primeiro ciclo em Línguas Literaturas e Culturas

Os estudantes foram ainda questionados acerca do que poderia mudar e/ou melhorar na FLUL em matéria de acessibilidade, com o objetivo de, entre outros, a tornar mais inclusiva. Vejam-se as suas respostas, que revelam haver ainda muito caminho por percorrer no que diz respeito às condições de acessibilidade no seio da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

«A faculdade de Direito, por exemplo, tem rampas em vez de elevadores. Lá consigo mover-me muito melhor do que aqui [FLUL]. Aqui tenho de estar sempre a chamar o/a segurança para me subir e descer o elevador. Na faculdade de Direito, posso andar à vontade por tudo quanto é lado. Outra coisa é o facto de os espaços exteriores da faculdade terem calçada, que é um entrave para uma pessoa com mobilidade reduzida. Em vez de calçada, poder-se-ia fazer como em Espanha e usar cimento, [para se obter um piso] liso. [Poder-se-ia] tornar

mais acessível o acesso à biblioteca, porque os elevadores avariam muitas vezes. Em matéria de ensino, acho que, pela frequência reduzida de pessoas portadoras de deficiência no ensino superior, alguns professores acabam por não estar completamente consciencializados para as necessidades dos alunos. [Poder-se-ia] levar os professores, por exemplo, a convocarem uma reunião, como fazem na hora de atendimento individual, para perceberem como é que o aluno se adapta, como é que [hão de proceder relativamente] aos elementos de avaliação, porque uma pessoa com paralisia cerebral, ou outra pessoa, pode ter outro tipo de necessidades que eu não tenho. Isto para tentarem ajudar o aluno de maneira a que ele não se sinta prejudicado nem beneficiado em relação aos outros. É uma maneira também de incluir [o aluno].

Na FLUL, temos o NOCAE, que dá algumas indicações aos professores sobre o aluno. O NOCAE não está completamente connosco dentro da sala. [O que faz é] dar uma ideia do que é que o aluno necessita, mas, dependendo da disciplina, o aluno é que tem de dizer: “Professor, eu sentia-me melhor a fazer assim, porque nesta disciplina há isto e aquilo e aquele outro que não me está a ajudar.

Acho que além de haver um NOCAE, que é muito importante, acho que também devem os próprios professores tentar perceber como é que o aluno funciona. O NOCAE tem feito o melhor que pode, mas [é igualmente importante] que os professores tentem conhecer o perfil do aluno e perceber quem ele realmente é e não se basearem apenas naquilo que está escrito.

Acho que a faculdade devia [desenvolver] ações de sensibilização para pessoas com mobilidade reduzida porque, tal e qual como se fazem sensibilizações para a igualdade de género, para situações de esgotamento e depressão, acho que [o desenvolvimento de] ações de sensibilização para [a situação] das pessoas com mobilidade reduzida com a presença de testemunhos seria uma inovação que podiam [implementar] na faculdade. [Desse modo], abrir-se-ia a mente de

muitas pessoas que podem não estar devidamente consciencializadas e também [permitiria que] olhassem para essas pessoas de uma outra maneira.

Como estamos numa posição inferior - estamos sentados - não estamos ao mesmo nível de uma pessoa que não tenha problemas [de mobilidade] e acabamos por ter outra visão do mundo que os últimos não conseguem entender [por não estarem na mesma posição do que nós]. Acho que ações de sensibilização não só devem abrir a mente do público, mas também a dos próprios responsáveis por essas ações e ser uma forma de os testemunhos serem ouvidos e incluídos.»

José Miguel, 22 anos, estudante de primeiro ciclo em História na FLUL

«Eu acho que, por parte das pessoas com cadeira de rodas - não sou só eu, existem pelo menos mais duas pessoas que eu conheça - acho que é [mais] a direção que pode resolver do que propriamente nós. Por exemplo, a porta [de acesso ao elevador junto ao Bar Novo e à AE] não é a mais acessível; tenho de dar a volta pelo bar. Eu não posso, por exemplo, pôr ali uma rampa, tem que ser a direção a resolver [essa questão].

As portas de vidro, que são pesadas e difíceis de abrir e fechar. E as casas de banho. As casas de banho são mesmo um problema porque nós, entrando na casa de banho, e mesmo a da cave, a [que é] para pessoas com mobilidade reduzida, não é larga nem grande o suficiente para nós entrarmos com a cadeira e conseguirmos fechar a porta. E as portas também são pesadas. As cadeiras elétricas são mais largas normalmente. Depende muito do modelo. Mas, portas largas são sempre boas, é sempre bom haver.»

Beatriz Clemente, 18 anos, estudante de primeiro ciclo em História da Arte na FLUL

«A altura dos balcões dos cafés, relativamente a isso não há nada a fazer, não é? Nós somos um número tão reduzido, que esse problema acaba por ser desvalorizado. Mas, por exemplo, poderiam disponibilizar um banquinho para nós podermos aceder. Eu, como sou uma pessoa extrovertida, não tenho muitas dificuldades em conseguir aquilo de que preciso. As pessoas dão-se bem comigo e até me ajudam, mas nem todos são como eu. Há pessoas na faculdade mais baixas do que eu e, por serem mais fechadas, acabam por às vezes abdicar de alguma coisa; ou querem comprar qualquer coisa e não conseguem ou por terem aquela dificuldade acabam por não o fazer porque se sentem mal. Até eu, às vezes, me sinto constrangida porque vou tentar alguma coisa e sei que não vou conseguir fazê-la. E penso duas vezes. Se calhar um banco nos pontos principais. Eu sei que há caixas Multibanco mais baixas. A nossa faculdade tem apenas uma, a da entrada. E isso ajudar-me-ia não só a mim mas também a outros alunos mais baixos. No que diz respeito à biblioteca, é um desafio maior. Eu nunca precisei de um livro que estivesse na última prateleira, mas se precisasse, como é que faria? O banco que existe não chega. Ou ter-se-ia de chamar um funcionário, o que se torna constrangedor para o aluno, ou uma escada. Talvez uma escada resolvesse o assunto. Às vezes, é só percebermos que existe uma ajuda para nos sentirmos mais confortáveis. Essa ajuda [até] pode estar presente, mas tem de ser visível.

Eu acho que a faculdade ainda tem muito a melhorar, seja para com pessoas com mobilidade reduzida, seja para com pessoas com estatura baixa. É uma faculdade muito antiga e está há muito tempo em obras, mas não sei se essas obras realmente terão em conta este tipo de alunos. Somos um número pequeno, mas estamos presentes e fazemos parte da comunidade académica. Falta dar atenção a este tipo de alunos. «Não tem de ser uma medida muito específica. Basta a faculdade falar com este tipo de alunos

de alunos e dizer “Sabemos que tens esta condição, qual é a tua dificuldade? O que é que podemos melhorar?” É suficiente a faculdade vir ter com esses alunos e perguntar “No teu dia-a-dia, o que é que realmente sentes que te traz dificuldades ou desconforto?”. Isto é o suficiente: sermos ouvidos, sermos questionados. Há quem tenha muito mais dificuldade do que eu e não sei até que ponto é que essas pessoas são ouvidas. Será que se sentem verdadeiramente parte da faculdade? Talvez apenas venham ter aulas e vão embora sem sentir que realmente criaram amizades, laços, sem criar uma empatia para com a faculdade. A melhor medida é dar palco a esse tipo de alunos: ou por inquérito ou por reunião, visto que somos poucos; e perceber junto deles o que realmente é necessário para tornar o seu dia-a-dia académico mais fácil. Às vezes são coisas mínimas, mas que fazem toda a diferença! Somos alunos da faculdade, mas temos de fazer parte da comunidade académica e sentirmo-nos todos parte da faculdade. E para isso tem de haver um trabalho das faculdades em aproximar os alunos, até porque acabamos por ser excluídos por haver uma diferença. A pessoa pode sentir-se sozinha, excluída e isso depois leva a outros tipos de problemas. Muitas vezes, a ajuda que nós recebemos não é da faculdade, mas dos alunos.

Os não-docentes têm de entender que há alunos com condições específicas e como devem proceder quando estão a passar por alguma dificuldade. Há que perceber que tipo de pessoa está ali e que tipo de necessidade é que tem. E só conseguimos interiorizar, percebendo as dificuldades que o aluno passa. Só através do testemunho dos alunos é que a faculdade pode agir. Os alunos não andam apenas, mas almoçam, vão à biblioteca, precisam de tratar de mil coisas, precisam de ir aos Serviços Académicos, etc. Tudo isto tem de ser estudado pela faculdade, e, posteriormente,

passar essa informação aos não-docentes e docentes para estes saberem como proceder. Quanto mais formação se tiver, melhor a faculdade funciona. Ninguém sai a perder. Estamos sempre a aprender e aprender faz bem. Costuma dizer-se que o saber não ocupa lugar. Portanto, ninguém perde. Até há quem tenha curiosidade de saber o problema que eu tenho. Se calhar, se houvesse uma formação, os funcionários já o saberiam. Não há absolutamente nenhum problema!»

Ana Filipa Ribeiro, 29 anos, estudante de primeiro ciclo em Línguas Literaturas e Culturas

A necessidade de inclusão é posta aqui em evidência por parte dos estudantes da FLUL com os quais O Cola teve a oportunidade de conversar. É crucial, pois, que a faculdade seja um espaço público aberto à discussão do tema da Acessibilidade; que nela se dê voz e visibilidade a todos os estudantes que vivem condicionados pelas barreiras arquitetónicas impostas na sua instituição académica e que não têm o privilégio de não necessitar de pensar nelas.

O que significa privilégio? De que modo podemos considerar que um indivíduo vive uma vida privilegiada? Podemos cair no equívoco de considerar a nossa liberdade de experienciar um dia na faculdade sem impasses um direito – contudo, o mesmo não se aplica a todos os seus estudantes. O apoio da faculdade é crucial para o bem-estar de todos, especialmente dos indivíduos que precisam de uma ajuda extra no seu dia a dia. A título de exemplo, o uso da biblioteca deve ser uma tarefa fácil e acessível a todos – infelizmente, essa realidade ainda não é possível.

«Para mim, é muito constrangedor porque eu sou muito independente, no sentido em que gosto de fazer as coisas por mim própria. Eu gosto de fazer as coisas sozinha. Eu não gosto de pedir ajuda. É como ir ao supermercado: se eu estiver sozinha a fazer compras e vir que preciso

de qualquer coisa da última prateleira, eu fico aborrecidíssima porque sei que vou ter de pedir ajuda de alguém para lá chegar. Eu não gosto de incomodar os outros. Nem toda a gente é assim e às vezes é mau porque vivemos em comunidade, portanto podemos entreajudar, mas para mim é muito aborrecido ter de ir ter com um funcionário que esteja a trabalhar e dizer “Por favor, pode chegar àquele livro?”

Não digo que as pessoas não sejam simpáticas e que não estejam prontas para ajudar porque são e estão, felizmente, mas é constrangedor para quem está a pedir e causa desconforto. E se precisar de pedir uma segunda vez, já vou pensar duas vezes e vai ficando e vai ficando e vai ficando... O percurso académico, não posso dizer que é igual nesse sentido porque abdicamos de algumas coisas, até inconscientemente, porque sabemos que vai causar algum desconforto, então não queremos incomodar. No meu caso é assim, penso duas vezes porque sei que vou estar a incomodar a pessoa no seu trabalho.»

Ana Filipa Ribeiro, 29 anos, estudante de primeiro ciclo em Línguas Literaturas e Culturas



A acessibilidade é um tema que tem sido continuamente ofuscado no ensino superior. Através desta reportagem, O Cola decidiu dar uma voz àqueles que não são ouvidos, informando a nossa comunidade académica dos desafios ainda enfrentados pelos nossos colegas. É responsabilidade da FLUL e de todos nós assegurar um ambiente de estudo e trabalho que seja igualmente seguro e apropriado para todos, independentemente das suas necessidades. Assim sendo, os entrevistados partilharam o seu desejo por uma faculdade mais acessível, que assegure condições tanto a nível de estudos, como na biblioteca e dentro das salas de aula, mas também em pequenas vivências do seu dia a dia, como o uso das casas de banho e mesmo o deslocamento dentro da faculdade. Com o intuito de construir uma FLUL para todos, o nosso jornal apela por uma comunidade mais inclusiva, tendo como foco o bem-estar geral.

Bibliografia

FCT. Unidade Acesso da. [sd]. "Capítulo 2 - Enquadramento". Gov.pt. Acesso em 16 de fevereiro de 2025. https://www.acessibilidade.gov.pt/livros/tapd/html/2_enquadramento_e_definicoes.html.

"Acessibilidades - INR, IP". [sd]. Inr.pt. Acesso em 16 de fevereiro de 2025. <https://www.inr.pt/acessibilidades>.

"Estatutos Especiais". [sd]. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Acesso em 16 de fevereiro de 2025. <https://www.lettras.ulisboa.pt/pt/estudantes/apoio-ao-estudante/estatutos-especiais>.

Luís, Miguel, Azevedo De, Rebelo, Bruna Doutora, Marlene Ornelas Gouveia E Coorientada Pela Mestre, and Ribeiro. n.d. "BARREIRAS ARQUITETÓNICAS E AUTOCUIDADO UM ESTUDO DESCRITIVO EM CLIENTES ALVO de HOSPITALIZAÇÃO DOMICILIÁRIA.". Acesso em 16 de fevereiro de 2025. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/50584/1/20170010_DM_LMAR.pdf.

"Sem título". [sd]. Diariodarepublica.pt. Acesso em 16 de fevereiro de 2025. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/163-2006-538624>.

Visitas ao Jardim Botânico da ULisboa

É o dia-a-dia dos jardineiros tratarem e contarem as histórias dos seus jardins. Assim, **dia 2 de julho, às 11h**, serão os guias de uma visita especial ao Jardim Botânico de Lisboa e ao viveiro fechado ao público.

Cada visita tem uma capacidade de 5 a 20 visitantes. Apenas o bilhete de entrada é pago.



Agenda ACADÉMICA

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta *Agenda Académica*, apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa em que podes participar de forma gratuita.

SABERES PARA A LIBERDADE

Perspectivas
iberoeslavas

8-10/05/25
FLUL e UAb

Inscrições e informações:
compares.geral@gmail.com



Saberes para a Liberdade - Perspectivas Ibero-Eslavas

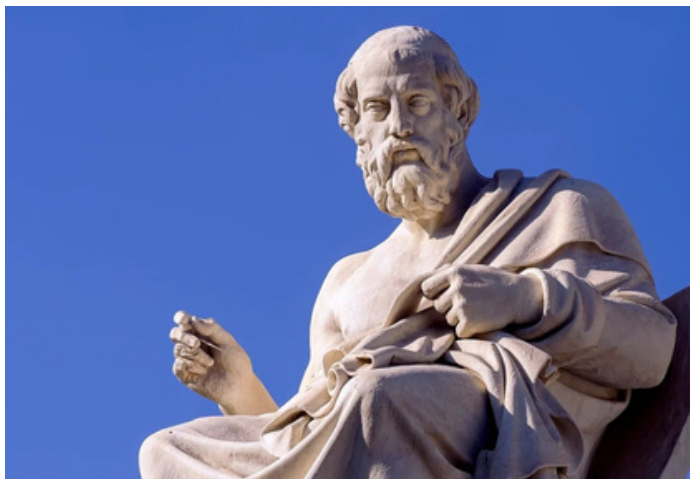
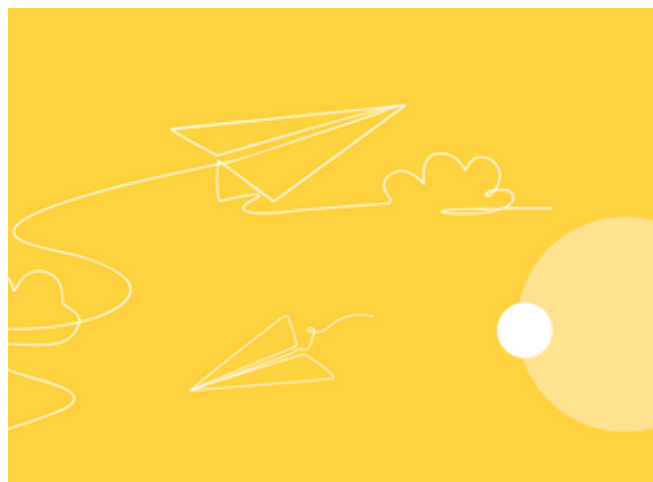
Dias 8 e 9 de maio, a Faculdade de Letras acolhe a 14.^a Conferência Internacional Ibero-Eslava, sendo esta colhida pela Universidade Aberta dia 10.

Esta conferência visa explorar as diferentes culturas dos saberes propiciadores e convocados para a Liberdade na perspetiva comparatista: o ibérico e o eslavo. Para assistir, a inscrição é obrigatória.

ULisboa no Salão do Estudante

A ULisboa marcará a sua presença na feira Salão do Estudante - uma feira de ensino para além da América Latina - em várias cidades do Brasil (como São Paulo, Brasília, Salvador e Rio de Janeiro) na qual os presentes terão a oportunidade de a conhecer e potencialmente inscrever-se para estudarem em Portugal!

Mais informação em salaodoestudante.com.br



Clube de Leitura *Clepsydra*: Fédon, de Platão

O núcleo *Clepsydra* organizará a próxima reunião do seu clube de leitura dia 11 de abril, pelas 14h, na sala C.010B.

Este clube, dedicado a Fédon, de Platão, reúne-se mensalmente e agora conta com o apoio do Centro de Estudos Clássicos da faculdade. Todos os interessados são bem-vindos a participar neste diálogo livre!

Aqui podes encontrar eventos como **concertos, congressos e colóquios** de interesse académico, bem como **eventos** de natureza intelectual e com impacto social.

Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



A ULisboa na Futurália

Esta grande feira do Ensino Superior é a oportunidade perfeita para conheceres todas as faculdades e institutos que a ULisboa tem para te oferecer. Não tenhas medo de falar com as nossas bancas, colegas e de participar nas diversas atividades! É o momento perfeito para saberes tudo sobre o Ensino Superior!

A Futurália realizar-se-á de **26 a 29 de março, na FIL.**

Workshop de Filosofia e Literatura

Este workshop, organizado pelo programa em Teoria da Literatura, promove diálogos abertos acerca de vários temas, de acordo com os oradores convidados.

Acontece **todas as terças-feiras até dia 13 de maio, às 18h30, na sala C244.C** e sem necessidade de inscrição.

O Programa em Teoria da Literatura apresenta

WORKSHOP DE FILOSOFIA E LITERATURA

PRIMAVERA 2024/2025



Faculdade de Letras • Universidade de Lisboa
18:30 • Sala C244-C



Hospital dos Pequeninos - AEFML

A Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina da ULisboa realizará o projeto Hospital dos Pequeninos, **dias 5 e 6 de abril, no Porto de Setúbal.** Com o intuito de reduzir o medo e a ansiedade que sentem perante o Sr. Doutor ou num contexto hospitalar, é destinado a todas as crianças. Basta só trazerem um boneco que tenha um "dói-dói" e que precise de ir ao médico para voltar a brincar!

O projeto foi iniciado pela EMSA (European Medical Students' Association), constituída por várias AEs europeias.

O Veloz

Autoria: Clara de Freitas

Edição: Catarina Casal

Ilustração: Nobre Bastos

O meu desejo de ser comum ultrapassa-me. Corre sempre mais rápido que eu, que, passados poucos minutos de esforço, fico ofegante quando o ar me escapa dos pulmões. Apodera-se de mim, no decurso da minha vida, a obsessão pelo “normal”. Subordino-me a este desejo. Vivo na sombra deste meu “quero ser” e apresenta-se primeiramente a mim esta vontade febril de derreter o meu “eu” conjuntamente com os meus vizinhos mortais.

O percurso da corrida é inteiramente escuro, infinitamente longo e imensuravelmente árduo. O meu desejo é incansável — é uma figura embebida de luz que corre velozmente sem sequer respirar. Não existe dor muscular que o aflija; aliás, começo a acreditar que, sempre que esta figura olha por cima do seu ombro e observa a minha exaustão, sente prazer. Lança-me um sorriso, sem estagnar o seu movimento, e faz troça de mim, acelerando o passo. Já eu, de pulmões pouco profundos, pernas fracas e horrível técnica de corrida, descanso sempre que sinto a cabeça leve e retomo a corrida quando o meu desejo se afasta, ameaçando deixar de iluminar o meu percurso. O ódio que sinto pelo desejo de “normalidade” aumenta com cada

cada ardor no peito e é-me lembrado por cada facada muscular. No entanto, não gosto de o perder de vista. Quando tal acontece, que é raro, encontro-me sozinha, rodeada por tal escuridão que não me permite ver as mãos. Sinto-me mais fria, pois era a luz do meu desejo que me tornava quente e o ritmo da corrida que me aquecia. Preferia apenas que ele corresse atrás de mim.



Nada de Nada

Autoria: Alexandra Guçu

Edição: Catarina Casal

Ilustração: Nobre Bastos

A vida vai-te mostrando lentamente as verdadeiras cores que compõem uma pessoa e, por vezes, desejavas que não fosse assim. Gostavas de poder permanecer perante uma existência ilusória que, embora ilusória, te faz feliz. Agora, porém, estás longe, só, no teu quarto durante dia e noite. Consegues ouvir o vizinho de cima e os seus filhos a correr de um lado para o outro com a maior das felicidades, pois ainda não conheceram a realidade dura. Por vezes, gostava que o meu tempo passado a correr sem quaisquer preocupações não tivesse sido cortado de forma tão rápida e fria. É como se a real vida bela tivesse chegado a um fim e apenas depois dos teus vinte anos te sentisses viva outra vez, como uma criança outra vez. Por vezes, é como se a vida parasse por instantes, ganhasse cor apenas para a perder no dia seguinte. Pensas para ti que, afinal, é isto que significa crescer, viver. Não és irracional por teres medos e receios que acreditas vivamente que mais ninguém compreende. Mas tudo te parece verdadeiramente lógico, embora coberto pelo véu do absurdo. O próprio ato de escrever foge-te das mãos, corres atrás dele. Vês as palavras no teu consciente, porém não encontras a força para as materializar. Não encontras forma de as universalizar, é tudo um nada – sem sentido aparente. Desejas deixar algo para trás, algo que materialize a tua existência: ao menos tu terás sido real, mesmo que a tua escrita não o tenha sido, aparentemente. Queres deixar a tua pegada nesta existência absurda. Uma existência cujas

regras, tradições e costumes nunca conseguirás

compreender de verdade. Por vezes julgas-te

incapacitada, não entendes nada – nem o outro nem

a ti própria –, precisavas de um guia, de uma espécie

de livro sobre psicanálise. Mas, no fim, não percebes

mesmo nada de nada. Talvez Buñuel tivesse razão

e tu, na tua incessante necessidade de contrariar,

na verdade quisesses que ele estivesse errado,

que tudo na vida tivesse uma resposta, um

significado. Porém, talvez nada tenha um

verdadeiro sentido e tu terás apenas de

aprender a viver no absurdo que está

para lá destas míseras linhas

que aqui leste.



The Gospel of Sinners

Autoria: Carolina Franco
Edição: Ricardo Cerdeira
Não traduzido a pedido da autora
Ilustração: Nobre Bastos

Our Father, who art in heaven.

I kneel at the foot of my bed and ask why Thou wouldst do this.

Why my raw knees and anxious pleas are not enough to please Thee.

I have been nothing but devoted, unwaveringly loyal to Thy command.

As a woman of my word, I wonder, was the ultimate betrayal mine or Thine own?

Hallowed be Thy name.

Thy mention instils in me a fear, laced with such a familiar terror.

I feared to question Thy teachings, believing them wise despite all.

And then the devil came, my Lord, and he was not as frightful as Thou.

The devil had fair hair, blue eyes and skin soft as silk.

Thy kingdom come.

Right and wrong converged into the grandest act of treachery.

It was so wrong, yet it felt so right, so flawed, so true.

Thou wilt not accept it, I know, I have always heard so.

I sinned this night, my Lord, yet I cannot bring myself to repent.

Her name fits my lips in a way none ever has, not even Thine.

Thy will be done.

The ultimate act of devotion, be it life or death or somewhere between.

I would live and die, do all and nothing for her, at her mere request.

She spoke in the stillness of the night, so tenderly I could have wept.

And in the space between our breaths, I could not leave room for Thee.

On earth as it is in heaven.

Her ethereality can only mean one thing, my Lord: she cannot be mortal.

If our love were not so inconceivable, I might think her an emissary of Thee.

But somehow, though it seems strange, I believe she is a demon.

For we both know, my Lord, no angel could touch like that.

Give us this day our daily bread.

If ever she was an angel, she must have fallen from the sky to our midst.

Perhaps her wings were too heavy, her beauty too great for heaven.

Or perhaps she was too bold, her soul too fierce to fear Thee.

And I know, my Lord, Thou canst not be loved unless Thou art feared.

And forgive us our trespasses.

I am no better than a man, remembering her silken touches and gentle fingers.

Our bodies and souls intertwined as one, as I have never felt before.

She whispered in my ear, a secret for us alone, and for once, my Lord;

I wished Thou wert not there, that I could keep her voice wholly mine.

As we forgive those who trespass against us.

Infatuation, passion, desire, and longing swam in the space between our lips.

She is inescapable, unattainable, her very existence unfathomable.

My heart was cast to the wolves, and I must admit, my Lord.

I would have it no other way, as long as it is her – always her.

And lead us not into temptation.

So I ask how Thou couldst do this to one so painfully loyal.

How Thou couldst create such a creature, as if to test my faith in Thee.

I have failed, my Lord, and I will fail again and again at this impossible test.

If her existence is utter blasphemy, then I shall be Thy greatest blasphemer.

But deliver us from evil.

And they say there is no salvation for sinners, for harlots, for the condemned.

But they are wrong, my Lord, for she is salvation itself.

She is all that is right, all that and more.

And my heart is incomplete until I consume her whole.

Amen.



Insónia

Autoria: Beatriz Palma
Edição: Catarina Casal
Ilustração: Nobre Bastos

Na hora soturna em que a escuridão sopra o sono sobre os Homens, as mentes irrequietas insistem em pensar. Nos seus íntimos, fervilham paixões secretas, mexem-se e remexem-se num desassossego, desejosas de serem expelidas para fora e ouvidas pelo mundo. A noite atrai-as num sussurro enigmático, contido, mas capaz de afogar qualquer um na penumbra do espírito. E na hora em que os afortunados adormecem, os desejos dos condenados borbulham intensamente, renascendo em pensamentos. E se cedermos ao martelar dos pensamentos, se cairmos nesse erro, ficamos o resto da noite assombrados por confissões que fizemos no ardiloso silêncio da mente.

Em certo pensamento, Nomízo é consumido pela noite. Este rapaz tinha um desejo profundo, um anseio oculto que escondia de tudo e todos, até dos seus próprios pensamentos, pois conhecia-lhes a natureza. No seu âmago, latejavam clamores contra o tempo, vociferava-se sobre a vida. Sobre a vida capaz de superar especulações de um paraíso celestial ou de um inferno de castigos; sobre a vida que troça dos mortais, correndo rápido demais para que estes a alcancem; sobre a vida que engana a morte, alastrando-se em todos os recônditos do espaço e do tempo, por toda a eternidade. Todas as noites, estas vontades gritavam inquietas, rastejavam efervescentes, tentavam erguer-se em toda a sua grandeza. Mas Nomízo reprimia-as, enterrava-as no fundo da sua mente, porque conhecia as lendas e as histórias.

Mas as vontades incansáveis fizeram-se sentir. Bradaram aos quatro cantos da mente até ensurdecer o rapaz... e até o pensamento ouvir. E a noite, cúmplice que se dera conta do alvoroço, faz uma proposta a Nomízo:

“Na escuridão que nunca vem só, entregar-me-ás a tua alma e, com o teu corpo impuro, selarás o contrato. Enquanto a noite se abater sobre o mundo, serás dono do tempo, elevar-te-ás a um patamar intocado pelo homem comum. Converter-te-ás em Deus imortal, todo poderoso da ampulheta da vida. Reinarás nas trevas, cujas badaladas do relógio ouvirás eternamente. Sob um manto de breu, mergulharás num mar negro sem fim. Os braços moribundos tentar-te-ão afogar, mas sob o teu manto flutuarás sobre as profundezas da efemeridade”.

Nomízo, embalado pelas tentadoras palavras da noite, aceita os termos impostos e sela o acordo no negrume tenebroso que prometia a imortalidade. Os dias transformaram-se em noites. Prisioneiro de uma cegueira negra, qual venda que lhe toldava a visão, Nomízo, inicialmente, conformou-se com o manto escuro, pois podia vesti-lo para sempre. Mas o pesar do tempo começou a arrastar-se, entranhando-se na pele, nos olhos, na boca do rapaz. Já não era rapaz, já não era nada. Jazia inerte, com a noite como única companheira. Não era faladora e, quando falava, falava em enigmas tão ardilosos como o primeiro. Foi traído pelos próprios desejos, exposto pelos pensamentos, condenado pela noite. E, sem se aperceber, comprou o que mais temia: a morte.



O Assassinato Do Meu Amor

Autoria: Natacha Vieira
 Edição: Lourenço Ramos
 Ilustração: Nobre Bastos

Tão lindo isso. Estar diante de tanta chance e escolha; renascer, transformar, conhecer e quase explodir de vida. Tão lindo amar assim. Meu Amor, eu te encontro em cada palavra e gesto meu, inunda meu interior! Prometo nunca deixar de amar, nunca deixar medo nenhum me parar! Dói lembrar de todas as vezes que deixei esse meu medo-ânsia e suas inúmeras variantes decidirem meu rumo, talvez até o impedirem.

Nasci pra amar e espalhar clichês. Minha melhor qualidade, maior pretensão. Vou de porta em porta pregar que ainda é tempo, se arrependam de não amar! Se no fim der tudo errado, eu sei que eu tenho o Meu Amor. Abram a porta, vim recitar meu chamado! Habilidade infinita de amar, liberdade. Se entreguem, se permitam, aprendam a viver. Essa é minha pregação.

Viver e amar são sinônimos, tão natural quanto respirar e ser — eu sou e me permito, por isso eu amo. Por isso eu vivo! Mas vivo preso, não sinto intensidade no seu Amor. Não importa o tamanho do perigo, vou sair do meu esconderijo e ainda vou correndo para a armadilha que me espera. Não sinto seu Amor. Grito bem alto pra qualquer amor me pegar, o primeiro que passar. Vou me entregar. Faço isso por eles e por você, para quem não sabe viver nem amar. Sou banquete de quem não sabe sonhar.

Sinto uma epifania já idosa na cama da morte. Eu e Meu Amor estávamos bem. Doamos tanta vida para quem não estava nem precisando. Tão confortável essa nossa natureza; Amor-Dor. Eu e Meu Amor somos solidários demais? E ninguém avisou antes! Todo meu carinho e cuidado que andei vomitando nas ruas era limitado? Não sei onde está indo minha consciência e todo meu afeto empoeirado. Onde vou? O animal gordo que eu mesmo alimentei e tanto idolatro se aproveita dos meus interiores. Será que ele sabe que não vai encontrar nada? Já dei tudo de graça...

Meu Amor podia ter sido herói e salvação. Eu e Meu Amor seríamos livres. Agora escutem! Ouçam minhas súplicas baixas morrer! Eu vou e Meu Amor fica; seja livre, aprenda e viaje muito. Toque várias vidas e eu te encontro noutra, em algum corpo sem rumo. Prometa, Meu Amor, me lembre e me faça recordar a dor que é não se ter mais. Ajude minha reencarnação a se doar, seja o Amor da vida dela. Vivam os dois na mais completa harmonia, saibam que não há limite para se saber e se amar.



Prometa, Meu Amor, me lembre e me faça recordar a dor que é não se ter mais. Ajude minha reencarnação a se doar, seja o Amor da vida dela. Vivam os dois na mais completa harmonia, saibam que não há limite para se saber e se amar. A natureza está viva e animal nenhum tem culpa, quem matou e se separou do Meu Amor fui eu. Tudo bem se cuidar. Me encontro de joelhos revirando no estômago da besta. Imploro a qualquer Deus, exploro outras Divindades. Façam esta morte sangrenta e sedenta de piedade valer a pena. Me ajudem a remover a pedra! Vou reviver! Meu Amor só precisa de três dias. Aproveitem-se uma última vez.

Não, não podes falar russo comigo

Autoria: Khrystyna Tsupryk

Tradução: Catarina Pereira

Ilustração: Nobre Bastos

À medida que nos aproximamos do terceiro ano da invasão brutal da Rússia da minha terra natal, a Ucrânia, dou por mim a refletir sobre o poder da língua - não apenas como uma ferramenta para comunicar, mas como uma arma nesta guerra para a nossa sobrevivência. A minha única arma, por enquanto. Sou uma mulher ucraniana de 24 anos e recuso-me a falar a língua do meu inimigo. Para mim, russo é a língua da opressão, da violência e das mentiras. Representa tudo o que sou contra.

Isto não é um ensaio académico imparcial sobre diversidade linguística ou pontes culturais. Não tenho interesse nessas coisas no que diz respeito à Rússia. Os seus tanques, mísseis e propaganda certificaram-se disso. Não peço desculpas pelas minhas opiniões, nem penso que algum dia encontrarei perdão no meu coração para a ruZZia.

Ao crescer na Ucrânia, eu falava apenas ucraniano. Como muitos outros da minha região, Lviv, eu estava a ser ostracizada sem me aperceber. Os meus desenhos animados favoritos falavam russo, os músicos cantavam nesta língua e as telenovelas da minha avó também eram dobradas em russo. Russo estava em todo o lado — na televisão, em livros, etc. Não me lembro de alguma vez o ter aprendido. Ainda o compreendo perfeitamente e consigo falá-lo com um sotaque ucraniano deliciosamente atroz, mas se houvesse uma lobotomia para “livrar-me do conhecimento da língua russa”, eu faria. Russo simplesmente fazia parte da vida quotidiana. Emigrei para Portugal com apenas 4 anos. Comecei tanto o português como o inglês ao mesmo tempo, por isso também não tenho memória de aprender estas duas línguas. A minha língua materna é

e sempre será a ucraniana. Em casa falo ucraniano. Não tenho sotaque; Nunca perdi a língua, por assim dizer. Um grande agradecimento vai para os meus pais e para a sua descendência da Galícia (no continente europeu existem duas regiões denominadas de Galícia: uma em Espanha e outra no oeste da Ucrânia. Foi em grande parte a resistência deste território ucraniano que nos deixou a nossa língua, apesar de todas as torturas).

Mas tudo mudou em 2014 quando a Rússia invadiu a Crimeia e começou a guerra em Donbas. Mesmo assim não entendi totalmente a profundidade do problema, porque tinha apenas 14 anos. Aos 16 anos tive aquilo a que chamo o meu “despertar histórico” — comecei a ler e a ver documentaristas e historiadores ucranianos independentes. Fiquei com raiva. A Ucrânia tinha sido saqueada de todos os artefatos históricos que alguma vez poderiam “provar” a história do meu povo. Há séculos que somos roubados pelos russos. Daqui parte uma tese mundialmente conhecida: se não tiveres artefatos físicos (bulava, coroas, túmulos, documentos...), não tens história. A tua história será reescrita conforme o que os vencedores desejarem.



Até à invasão em larga escala, eu estava neutra em relação aos ucranianos que falavam russo. Incomodava-me o facto de terem tentado (há algum tempo) torná-la na nossa segunda língua oficial, mas foi um erro pensar de maneira tão impune. Achei que não se deveriam culpar pela sua russificação, novamente, devido à história. Holodomor e outros acontecimentos do género deslocaram muitos ucranianos para a Sibéria. Muitos russos vieram ocupar as casas que ficaram vazias. Os soviéticos é que eram culpados por uma população tão grande de ucranianos que falam russo, ou pelo menos foi isso que pensava. Tinha a ideia de que éramos uma nação historicamente dividida, só agora é que me apercebo de que as garras russas foram a propaganda que nunca nos deixou voltar às nossas raízes, as raízes que uniam todo o território ucraniano. Conheço pessoas que tentam argumentar que “nem todos os russos são maus” ou que devemos separar as pessoas do seu governo. Mas já vi demais. Ouvi demais. As histórias de crianças mortas por bombas russas, de mulheres e crianças violadas por soldados russos, de cidades inteiras reduzidas a escombros. Como posso separar as pessoas do governo quando tantos deles apoiam fanaticamente esta guerra? A ideia para este longo ensaio veio de uma conversa que tive numa aula. Uma rapariga, que orgulhosamente afirmou ser russa no início do semestre, tocou-me no ombro. Ao olhar para trás, previ que iria passar a folha de presenças. O que aconteceu a seguir abalou-me. Ela perguntou-me de onde eu era, em português. Conheço este jogo muito bem. Fiz-me de ignorante. «Santarém», respondi. Insistiu que me ouviu dizer que eu era ucraniana. «Ah, sim, eu nasci lá». Depois, ela muda para russo com um imprudente sorriso de alívio gigante no rosto «Então posso falar russo, certo?».

Cada sílaba era uma bala disparada diretamente na minha direção

Já tenho problemas com ansiedade; senti o pico do cortisol imediatamente, o meu coração começou a ameaçar sair do peito e a minha garganta começou a fechar. Foi tudo uma questão de segundos. Não faço ideia se o meu rosto demonstrou todos os sentimentos contraditórios que me abalavam. Tenho orgulho em mim própria por não me ter encolhido ou sobressaltado na cadeira, pois esperava que o linguajar russo saísse a qualquer segundo, caso contrário (se fosse de maneira repentina) seria um susto de imprevisto garantido.

Ao viver em Portugal sinto-me muito abrigada e privilegiada. Sou uma jornalista totalmente qualificada — sou mais do que capaz de analisar propaganda e esclarecer factualmente onde e quando é necessário. Eu librei-me conscientemente de qualquer coisa remotamente russa na minha vida. Mas não consigo fugir sempre. Sempre que ouço esse linguajar, sempre que ouço essa ***** de língua, aquela entoação nasal desagradável, o doce enjoativo dos ditongos é como um balde de água fria da realidade. Estou a trabalhar em manter a minha poker face, pois esses encontros são inevitáveis, mas não é algo que seja fácil depois de já ter perdido tanto para a ganância russa.

Mantendo a minha reação visceral “escondida” e tentando lidar com a pura audácia da afirmação da miúda, respondi com um sorriso forçado, um «Não» retumbante. O rosto dela trancou, tentou comunicar aquilo de que precisava num português não nativo. Força, miúda! Estamos em Portugal, um aplauso genuíno pelos teus esforços para aprender a língua nativa aqui. Respondi à sua pergunta também em português, o mais cordialmente possível e, com as mãos a ameaçar tremer, virei as costas para ela.

A AUDÁCIA! A flagrante DESCONSIDERAÇÃO!
A ridicularização da IGNORÂNCIA do que o seu país está a fazer! Não me importo nem quero saber que “o teu governo não te representa”. Se falares

descaradamente russo para um ucraniano és, na melhor das hipóteses, ignorante e, na pior das hipóteses, uma cruel, desprezível e parasitária pseudodemocrata. São DOIS países diferentes e a tua presunção só vai mostrar que a profunda e sangrenta máquina de propaganda russa chegou até ti, uma miúda gen Z. Girl, go touch some grass.

Eu estou a ser expressiva aqui porque um teclado e o Word são as minhas únicas armas. Vivo num país democrático, cada um com a sua opinião, e ela teve todo o direito de tentar. Também me é permitido não ser mais do que cordial para com essas pessoas. Não tenho paciência para estar a tentar encontrar nem que seja uma pitada de simpatia por qualquer aflição russa. Quando passo pelas ruas da minha amada Lviv (sim, eu volto sempre que posso, toda a minha família e especialmente os meus avós estão lá, apesar da guerra) e ouço ucraniano em todo o lado, parece uma vitória. Mesmo em locais como Kharkiv ou Odesa, onde o russo costumava dominar, as pessoas estão a mudar para ucraniano. Nem sempre é fácil, algumas pessoas engasgam-se com a gramática ou o vocabulário, mas tentam. E esse esforço significa tudo, significa que “não nos vão apagar”. Já vi amigos que cresceram a falar russo em casa fazerem a mudança. Dizem-me que parece libertador, que falar ucraniano deveria ter sido algo óbvio. Para muitos de nós, falar ucraniano já não é apenas uma escolha, é um dever.

Assim, para mim agora, os falantes russos que continuam a alinhar-se com esse império ganancioso são cúmplices. Fazem parte do problema. Aderem à sua ignorância, recusando-se a ver a verdade sobre o que essa (abomi)nação faz e continua a fazer.

Alguns pode, considerar as minhas opiniões extremas. Podem dizer que estou cheia de ódio. E têm razão, estou sim. Odeio o que a Rússia fez ao meu país. Odeio as suas mentiras, a sua arrogância, a sua recusa em assumir
responsabilidade.

Odeio a sua cultura de violência e a sua glorificação do conceito de “império”.

Mas, acima de tudo, odeio a sua ignorância voluntária. A forma como se recusam a ver-nos como seres humanos, como uma nação com a nossa própria língua, história e identidade. Eles ridicularizam a nossa língua, as nossas tradições, a nossa dor.

Bom, eu existo. Nós existimos. E não vamos a lado nenhum. Em três anos desta guerra vi uma incrível resiliência dos meus compatriotas ucranianos. A nossa língua tornou-se num símbolo da nossa força e união. Já não é apenas a língua dos poetas (que foram assassinados porque ousaram alterá-la) e canções tradicionais montanhesas; é a língua dos soldados, ativistas e sobreviventes. Se estiveres a ler isto e não fores ucraniano, espero que compreendas o que está em jogo. Espero que compreendas que não se trata apenas de uma guerra sobre território ou política; é uma guerra sobre identidade. Quando aprendes algumas palavras em ucraniano ou partilhas uma canção ucraniana, estás a ajudar-nos a lutar. Estás a mostrar ao mundo que a nossa cultura é importante, que a nossa língua é importante e que nós próprios importamos. E se fores ucraniano, a minha mensagem é simples: Fala a tua língua. Mesmo que seja difícil, mesmo que não sejas fluente, mesmo que estejas rodeado por falantes russos, fala ucraniano. É a arma mais poderosa que temos. E doa o que puderes para o nosso exército, mas isto já é óbvio. Recuso-me a falar a língua do meu inimigo. Recuso-me a dar-lhes esse poder. A minha voz, as minhas palavras e o meu idioma pertencem à Ucrânia e a mais ninguém. Que os meus descendentes vos perdoem a todos, mas que nunca se esqueçam. Logo, não. Se fores ruZZo, nem ouses falar comigo!

A Tua Giulia

Autoria: Carson
Tradução: Laura Prezzi
Ilustração: Nobre Bastos

Minha querida,

16 de maio de 1651

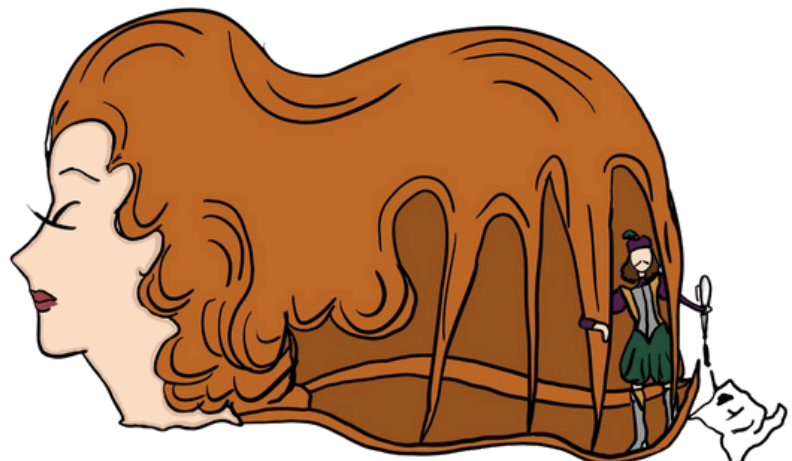
Escrevo-te da cela onde tenho estado nas últimas semanas. Não te vou sobrecarregar com detalhes, pois eu tenho a certeza que já sabes o que se passa aqui dentro. Curiosamente, não me sinto muito assustada, ao invés disso, estou quase em paz com a minha situação — talvez seja devido ao espaço à minha volta — não do quarto onde estou enclausurada, mas do que vejo além dele; através do pequeno espaço na parede, que se assemelha a uma janela, por onde consigo avistar as montanhas. Os seus picos ainda protegidos pelo sol e pelas recordações persistentes da neve e, na sua base, fileiras intermináveis de oliveiras, agora pesadas com frutos. Mas não é por isso que te escrevo. Eu preciso apenas de tratar de dois assuntos e aliviar o meu coração junto a ti.

Primeiro, abordo a questão mais trivial (se é que a posso chamar assim), em relação ao nosso veneno: destrói tudo o que resta dele; ninguém deve saber como o produzir, para evitar que seja utilizado indevidamente. Contém demasiado poder para cair nas mãos erradas. Mas esse não é o único nem o principal motivo pelo qual te escrevo esta carta. Sim, estou a confiar-te esta tarefa urgente, mas não quero desperdiçar mais papel e tinta com tais questões. Tudo o que eu gostaria de fazer agora era dirigir-me a ti, diretamente, enquanto ainda posso. Não me encontro arrependida de ter sido capturada e trancada nesta jaula, mas sim de não te ter dado tudo de mim, sempre. É engraçado, agora que não te consigo alcançar, é quando me vejo mais atormentada por estes pequenos momentos: a ternura natural que emanava de ti, mesmo nas situações mais severas; o formigueiro que sentia sempre que as nossas mãos se tocavam; a maneira como o meu nome saía da tua boca tão naturalmente, como se cada sílaba tivesse um significado especial e uma importância própria. Tanto o tempo que passamos juntas como o tempo que estivemos separadas têm andado às voltas na minha cabeça, apenas para tentar encontrar algum verdadeiro valor na minha vida antes de ti. Mas não serve nenhum propósito, vendo que eu finalmente compreendi a grande diferença: foi contigo que verdadeiramente vivi, que verdadeiramente me senti viva. Tudo o que desejo agora é poder abraçar-te uma última vez antes que o meu tempo chegue ao fim. xxx

Fui tola o suficiente para tomar estes gestos por garantidos, estes gestos sagrados. Mas agora, por mais absurdo que pareça, vejo tudo com clareza, talvez pela primeira vez em anos, e sei com toda a certeza que tu, e apenas tu, foste o propósito da minha vida, e a nossa relação foi a minha grande obra.

Consigo ouvir os homens a percorrer o caminho até à minha cela, por isso tenho de esconder esta carta. Vou tentar escrever mais se as circunstâncias o permitirem.

Com todo o meu amor,
A Tua Giulia



O Meu Hambúrguer

Autoria: Ricardo Cerdeira
Edição: Carolina Franco

Odeio a vida. Hoje foi mesmo um daqueles dias em que tudo me correu mal e só devia ter ficado a hibernar. O meu alarme não tocou — ou talvez eu não o tenha ouvido, embora esteja a 20cm — mas quando acordei, parecia que o mundo ia acabar. Não há palavras que descrevam a infinita energia que me fez levantar para o guarda-roupa, vestir-me, lavar a cara, pentear o cabelo, arrumar a mochila e dar um *sprint* porta fora! Batidos de proteína para quê! E tudo o que me passava pela cabeça a sair de casa era correr. Era o *Need for Speed* versão a pé e, ainda por cima, na Amadora!

Cheguei ao comboio a tempo. Estava cheio — claro — mas por ser de manhã, dava-me um certo conforto. Quantas daquelas pessoas é que estariam a ter uma manhã tão má ou pior do que a minha? Nada está perdido. Ainda é de manhã.

Retiro o que disse. Assim que a porta do comboio se abriu, a minha mochila ficou presa entre a porta e a rampa de acessibilidade. Eu estava preso! Tive de tirar as alças e puxar e puxar a mochila até que a porta se abrisse totalmente! Quando finalmente cheguei à faculdade, estava atrasado. Assim que pisei na sala de aula, senti os olhares de julgamento do professor. Nem me conseguia desculpar de tão envergonhado e sem fôlego que estava. Que nojo! E é nesse momento que tiro os meus materiais da mala e reparo que o ecrã do computador não liga... A PORTA DO COMBOIO PARTIU O INTERIOR DO ECRÃ! Dissociei. Queria chorar. Ponderei seriamente sair da sala, fingindo ter de ir aos lavabos, mas tendo chegado atrasado, ia ser ainda pior. Eu sei que soa extremamente materialista, mas este foi um dos momentos mais baixos de toda a minha vida...

Senti o peso deste trauma chamado “manhã” até ao fim das horas que tão lentamente passavam. Eram poucos os minutos que passavam sempre que ligava o telemóvel para ver as horas.

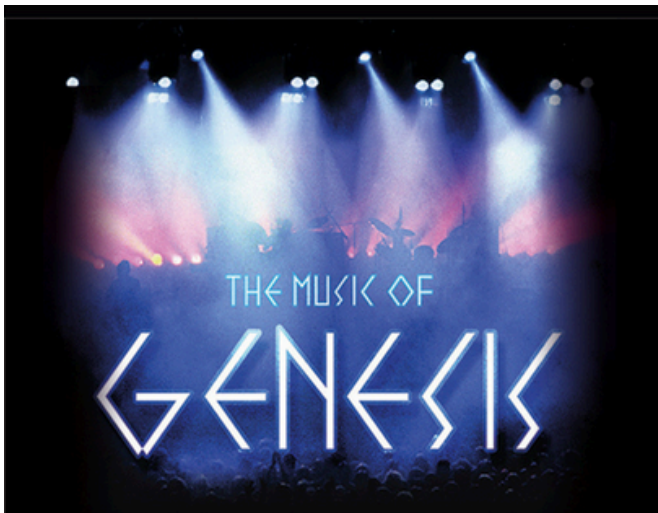
Pela altura em que já regressava a casa, o dia parecia-me perdido. Apertei mais o meu quentinho casaco à minha volta, suspirando profundamente. Foi aí que avistei uma pequena hamburgueria na esquina. Já tinha passado por ali umas cem vezes, mas nunca tinha prestado muita atenção. Hoje, porém, o brilho quente do néon destacou-se contra o cinzento do céu. Eu mereço um miminho!

O cheiro atingiu-me instantaneamente: carne grelhada, queijo derretido, pães torrados e apenas um ligeiro toque de batata frita crocante. Era o tipo de perfume que me envolvia, reconfortante e nostálgico. Não me tinha apercebido do quão esfomeado estava até que o meu estômago soltou um ronco alto e protestante. Espreitei o menú, mas já sabia o que queria: um hambúrguer clássico, nada extravagante, apenas algo simples e satisfatório. Fiz o meu pedido e sentei-me perto da janela, observando as pessoas como gotas a escorrer pelo vidro. O calor do restaurante sentia-se nos ossos, descongelando o frio que se instalara em mim durante todo o dia. Um suave zumbido de conversa enchia o espaço, misturado com o barulho ocasional da grelha. Foi tranquilo de uma forma que não estava à espera. Quando a minha comida chegou, os meus olhos brilhavam: um hambúrguer perfeitamente montado, batatas fritas douradas empilhadas ao lado e um refrigerante gelado com gotas de condensação a escorrer pelo copo. Parecia um anúncio de televisão. Dei a primeira dentada e tudo mudou completamente.

Os sabores explodiram na minha boca: o hambúrguer de carne suculento e perfeitamente temperado, ligeiramente crocante por fora, mas tenro e suculento por dentro. O rico queijo derretido descia em cascata pelas laterais, combinando na perfeição com um toque de molho picante feito na casa. A alface crocante e o tomate fresco acrescentaram um toque crocante e refrescante, enquanto o pão brioche ligeiramente doce e amanteigado manteve tudo unido em perfeita harmonia. Cada dentada era uma delícia decadente e de fazer crescer água na boca, o equilíbrio perfeito entre textura e sabor.

As batatas fritas quentes e douradas ao lado eram igualmente notáveis: crocantes por fora, macias por dentro e perfeitamente salgadas. Cada dentada parecia um pequeno pedaço de felicidade, algo quente e familiar num dia que não tinha sido nem quente nem familiar. Era engraçado como algo tão simples podia mudar as coisas. Pela primeira vez naquele dia, permiti-me realmente aproveitar o momento. Não foi só a comida que me aliviou — mas certamente ajudou — foi o ato de fazer uma pausa, de me presentear com algo simples, mas maravilhoso. O dia tinha-me trazido tudo o que podia, mas aqui estava eu, a terminá-lo com uma pequena, mas significativa nota alta.

Eu não estava triste. Eu estava com fome...



The Music of Genesis

Cinco amigos finalistas da Universidade de Hannover apresentaram para o exame final músicas dos Genesis. E, em setembro de 2024, decidiram fazer uma tour europeia pelas principais capitais com temas dos quatro álbuns dos Genesis, incluindo músicas não tocadas ao vivo há anos!

Em Lisboa, tocarão na Aula Magna, **dia 6 de abril, pelas 19h**. Blhetes na *Ticketline*.

100 anos de Lindley Cintra

No dia **5 de março de 2025** será celebrado o centenário de Lindley Cintra. Destacou-se internacionalmente pelas suas teses em dialectologia, gramática e política da língua portuguesa. Além da vida académica, participou ativamente na resistência democrática durante a crise de 1962 e no 25 de Abril.

A exposição Lindley Cintra 100 anos celebra sua carreira singular na universidade onde foi aluno e professor (**disponível até 31 de maio**) na Reitoria da Universidade.





Gostaste desta edição?

Será que consegues encontrar as palavras na sopa de letras?

P	A	N	Q	U	E	C	A	S	T	O	T	V	U
I	I	J	J	A	I	P	J	Z	U	D	D	L	J
V	L	V	U	S	L	K	H	R	U	S	S	O	Q
R	V	H	O	S	C	E	X	P	L	O	S	A	O
E	S	Y	C	A	G	I	U	L	I	A	R	T	E
H	O	O	N	S	P	A	S	S	O	S	R	D	L
A	C	E	S	S	I	B	I	L	I	D	A	D	E
O	N	I	V	I	E	M	O	C	O	E	S	R	O
P	K	N	E	N	W	K	J	S	K	P	E	R	B
B	C	S	L	A	S	G	H	N	M	O	R	T	E
T	O	O	O	T	N	A	D	A	H	S	O	P	H
B	L	N	Z	O	Z	M	H	K	B	R	X	Z	T
R	A	I	E	Z	T	O	R	T	U	R	A	D	Q
M	K	A	J	H	A	M	B	U	R	G	U	E	R

ACESSIBILIDADE

ASSASSINATO

EMOÇÕES

GIULIA

ARTE

PANQUECAS

EXPLOSÃO

HAMBÚRGUER

INSÓNIA

NADA

PASSOS

TORTURA

MORTE

COLA

RUSSO

VELOZ

SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no *Instagram*, *X* e *Facebook*.



ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através no *linktree* no nosso *Instagram* ou em www.jornalocola.com

PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele! Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição, lê os nossos Termos de Submissão (disponíveis no nosso *site*) e envia para jornalocola@gmail.com

O Jornal O COLA é um projeto de Letras para Letras.

Estamos sempre a aceitar os teus textos, poemas, ensaios, críticas, histórias (*flash fiction*, histórias curtas,...), reportagens, ilustrações, fotografias, entradas de diário, entre outros!



Acompanha-nos

